

William Faulkner

A MANSÃO

*tradução de*  
Ana Maria Chaves

LIVROS DO BRASIL

Este livro é o último capítulo, e o epítome, de uma obra concebida e iniciada em 1925. Uma vez que o autor gosta de acreditar que todo o trabalho desenvolvido ao longo da sua vida é parte integrante de uma literatura viva, e também espera que o seja, e uma vez que «vida» é movimento, e «movimento» é mudança e alteração e, conseqüentemente, a única alternativa ao movimento é o não-movimento, a estase, a morte, encontrar-se-ão discrepâncias e contradições nos trinta e quatro anos percorridos por esta crónica específica; o objetivo desta nota prévia é simplesmente informar o leitor de que o autor já encontrou mais discrepâncias e contradições do que é seu desejo que o leitor encontre — contradições e discrepâncias devidas ao facto de, está o autor convencido, ele próprio saber mais agora acerca do humano coração e do seu dilema do que sabia há trinta e quatro anos; e está seguro de que, tendo convivido com elas durante tanto tempo, conhece agora melhor as personagens da sua crónica do que conhecia então.

W. F.

O júri disse «Culpado» e o juiz disse «Prisão perpétua», mas ele nem os ouviu. Não estava a prestar atenção. De facto, não era capaz de prestar atenção ao que lhe diziam desde aquele primeiro dia em que o juiz teve de bater na secretária com o martelo de madeira até ele, Mink, desviar os olhos da porta da sala de audiências para ver que diabo o homem queria, e ele, o juiz, se debruçou sobre a secretária e, aos gritos, lhe perguntou: «Oiça lá, Snopes! Olhe para mim. Matou ou não matou o Jack Houston?» E ele, Mink, respondeu: «Agora não. Não me incomode. Não vê que tou ocupado?», virando a cabeça em seguida para se fixar outra vez na porta distante ao fundo da sala, também ele a gritar para aquela muralha humana, contra e para lá daquela muralha de rostos minúsculos e macilentos que o confinavam: «Snopes! Flem Snopes! Alguém aí vá buscar o Flem Snopes e traga-o aqui! Eu pago-vos... o Flem paga-vos!»

Porque não tinha tido tempo para prestar atenção. De facto, toda aquela primeira viagem, da cela até ao tribunal, algemado ao carcereiro, tal como cada viagem diária subsequente, agrilhetado, tinha sido uma interrupção, e uma interferência absurda, uma interferência realmente ridícula, escandalosamente ridícula, na solução para os dois problemas — o seu e o da maldita justiça — se ao menos eles se tivessem limitado a esperar e a deixá-lo em paz: de vigia, com as mãos sujas entrelaçadas nos interstícios negros de fuligem das grades da janela sobranceira à rua, sua única e imperiosa necessidade durante os longos meses que mediaram entre a prisão e o início do julgamento.

A princípio, nos primeiros dias atrás das grades, tinha-se sentido simplesmente impaciente face à sua própria impaciência e — sim, admitia-o — à sua própria estupidez. Muito antes de chegar o momento de apontar

a arma e disparar, já sabia que o seu primo Flem, o único membro do clã com poder e razão suficientes, pelo menos em teoria, para o livrar das consequências, não estaria ali para o fazer. Sabia até por que motivo durante pelo menos um ano Flem não estaria ali; Frenchman's Bend era pequena de mais: todos sabiam tudo a respeito uns dos outros; todos teriam percebido logo o que estava por detrás da viagem ao Texas mesmo sem o espalhafato e o alarido que a jovem Varner tinha vindo a provocar desde que ela própria (ou lá quem foi) havia descoberto os primeiros pelos nas partes, já sem falar na primavera e no verão anteriores em que o danado do McCarron andava à caça de todos os seus rivais e lhes fazia frente, exatamente como se fossem uma matilha de cães no cio.

Tanto assim que muito antes de Flem casar com ela, ele próprio, Mink, e toda a gente num raio de quinze quilómetros sabia que o velho Will Varner ia ter de a casar com alguém, e depressa, se não quisesse ter um bastardo no quintal das traseiras quando chegasse a primavera. E quando Flem acabou por casar com ela, ele, Mink, não ficou nem um pouco surpreendido. Foi Flem, com a sua costumeira dose de sorte — pronto, está certo, mais do que mera sorte —, o único homem de Frenchman's Bend que fez frente ao velho Will Varner e levou a melhor sobre ele; que já tinha a bem dizer corrido da loja com Jody, o filho do velho Will, e se preparava agora para deitar a mão a metade de tudo o mais tornando-se genro do velho Will. Pois casando-se com ela a tempo de a salvar de parir um bastardo, Flem seria não só o marido legítimo daquela maldita rapariga que desde os quinze anos tinha posto em alvoroço todos os homens de Frenchman's Bend abaixo dos oitenta só por a verem passar, mas um marido que havia sido bem pago para o ser e que por isso tinha não só o direito de meter a mão sempre que lhe apetecesse por baixo daquele vestido que deixava qualquer homem excitado só de pensar na mão de outro a fazê-lo, mas direito de posse sobre toda a fazenda do Velho Francês por tê-lo feito.

Assim, ele sabia que Flem não estaria lá quando mais precisasse, pois sabia que Flem e a sua nova mulher teriam de se manter afastados de Frenchman's Bend pelo menos o tempo suficiente para aquilo que iriam trazer consigo no regresso poder ser apresentado como tendo apenas um

mês sem matar de riso quem quer que se dignasse olhar. Só que, quando finalmente o momento chegou, quando finalmente se prefigurou o instante em que ele não mais poderia adiar ter de apontar a arma e puxar o gatilho, ele já se tinha esquecido. Não, é mentira. Ele não se tinha esquecido. Simplesmente não podia esperar mais: o próprio Houston não o deixaria esperar mais — e isso também era mais uma ofensa que Jack Houston lhe tinha feito com o próprio ato de morrer, compelindo-o a ele, Mink, a matá-lo numa altura em que a única pessoa que tinha poder para o salvar, e que teria tido de o salvar quer quisesse quer não em nome das antigas e imutáveis leis do simples parentesco, estava a mil quilómetros de distância; e desta vez a ofensa era irreparável porque, com o próprio ato de a cometer, Houston se tinha eximido para sempre a toda e qualquer retribuição.

Ele não se havia esquecido de que o primo não estaria presente. Limitara-se simplesmente a confiar *neles* — nos mesmíssimos *Eles* que tinham asseverado que nem um só pardal cairia do céu sem que dessem por isso. Ao dizer *Eles*, Mink não estava a referir-se ao que quer que fosse que as pessoas apodavam de Velho Mestre. Ele não acreditava em Velho Mestre nenhum. Tinha visto muito no seu tempo para saber que, se existisse um Velho Mestre, de olhar tão acurado e poder tão colossal como se dizia que Ele tinha, já teria feito alguma coisa. Além disso, ele, Mink, não era religioso. Desde os quinze anos que não entrava numa igreja nem fazia tenção de entrar nesses lugares usados por homens com um buraco no estômago e um ardor na braguilha que não tinham saciado em casa e que se autodenominavam pregadores em nome de Deus, para neles reunirem em proveito próprio o maior número possível de mulheres passíveis de serem tentadas com a promessa de uma coisa pela outra — encherem-lhes o buraco deles em troca de darem uso ao delas a primeira vez que os maridos se ausentassem para o campo e elas se esgueirassem para detrás dos arbustos onde um padre as esperava; as mulheres vinham porque aquele era o melhor mercado que conheciam para trocarem galinha frita ou empadão de batata-doce; os maridos vinham não para impedirem a transação, pois sabiam que não podiam impedi-la ou mesmo disputá-la, mas para tentarem pelo menos descobrir se o nome da mulher encabeçava naquele dia a lista de

espera ou se ainda teriam tempo, quem sabe, de abrir os últimos quarenta sulcos na terra antes de terem de a amarrar à cama e correrem a esconder-se atrás da porta, à coca; e os jovens nem se davam ao trabalho de entrar na igreja, já a correrem apressados para serem o primeiro par a ir esconder-se atrás do arbusto mais próximo.

Ele referia-se simplesmente a *esses* — *eles* — *isso*, dependendo de como quisessem chamar-lhe, àquilo que representava as meras justiça e equidade fundamentais nas relações humanas, pois caso contrário um homem bem poderia desistir; *eles*, *esses*, *isso*, chamem-lhe o que quiserem, que simplesmente não queriam, não podiam perseguir e atormentar um homem para sempre sem que algum dia, a qualquer momento, lhe devolvessem por igual as chicotadas. Eles podiam persegui-lo e torturá-lo, ou podiam limitar-se a ficar refastelados a ver a vida maltratá-lo devolvendo-lhe chicotada por chicotada, como se em obediência a um padrão preestabelecido; refastelados a assistir e (está certo, porque não? Ele — o homem — não se importava enquanto fosse homem e se fizesse justiça) a fazê-lo com prazer; talvez Eles até estivessem de facto a pô-lo à prova, para ver se era ou não um homem de verdade, homem suficiente para suportar alguma dose de perseguição e de tortura e merecer receber de volta as suas próprias chicotadas quando chegasse a sua vez. Mas pelo menos esse momento chegaria quando fosse a sua vez, quando tivesse conquistado o direito a receber de volta as chicotadas, de forma justa e equitativa, tal como Eles tinham conquistado o direito de o pôr à prova e de o fazerem com prazer; o momento em que teriam de lhe provar que Eles eram tão homens quanto ele lhes tinha a Eles provado ser; quando tivesse não só de depender Deles mas conquistado o direito a depender Deles e a descobrir que Eles eram fiéis; e Eles não se atreviam, não se atreveriam, a dececioná-lo, ou ser-lhes-ia a Eles tão difícil viver depois consigo mesmos como tinha acabado por lhe ser difícil a ele viver consigo mesmo e continuar a suportar o que havia suportado a Jack Houston.

Assim, naquela manhã, ele sabia que Flem não iria lá estar. Simplesmente não conseguiu esperar mais; simplesmente tinha chegado o momento em que ele e Jack Houston podiam, deviam, deixar de respirar o mesmo ar. E assim, na ausência do primo, teve de se agarrar de novo àquele

direito a depender *deles* que tinha conquistado por nunca antes em toda a sua vida lhes ter pedido alguma coisa.

Tudo começou na primavera. Não, começou no outono anterior. Não, começou até muito antes. Começou no preciso instante em que Houston nasceu já talhado para a arrogância, a intolerância e o orgulho. Não no momento em que os dois, ele, Mink Snopes também, começaram a respirar o mesmo ar do norte do Mississípi, porque ele, Mink, não era homem de rixas nem nunca o fora. Simplesmente a pouca sorte tinha-o perseguido e atormentado constantemente durante toda a vida obrigando-o continuamente e sem tréguas a defender os seus direitos mais elementares.

No entanto, foi só no verão anterior àquele primeiro outono que o destino de Houston tinha entrado de facto, e finalmente, em conflito com o dele, Mink — o que era uma outra faceta do ultraje que nada, nem sequer *eles*, muito menos *eles*, se tivesse dignado avisá-lo do desfecho daquele primeiro encontro. Isto depois de a jovem mulher de Houston ter ido ao estábulo do garanhão à procura de um ninho de galinha e o cavalo a ter matado, o que teria levado qualquer homem decente a pensar que qualquer marido decente nunca mais iria querer ter outro garanhão enquanto vivesse. Mas não Houston. Houston era não só suficientemente rico para ter um maldito garanhão capaz de lhe matar a mulher, mas suficientemente arrogante e intolerante para desafiar todo e qualquer resquício de decência e, depois de abater a tiro o cavalo que a matara, dar meia-volta e ir comprar outro garanhão exatamente igual ao anterior, quiçá para a eventualidade de se casar outra vez; de se mostrar tão desolado com a perda da mulher que os vizinhos nem se atreviam a bater-lhe à porta, mas de se pôr a andar estrada acima estrada abaixo montado no novo cavalo assassino, com aquele sabujo enorme a correr ao seu lado como um galgo ou como outro cavalo, indo direito à loja de Varner sem sequer desmontar: os três ali parados à espera no meio da estrada — o homem arrogante e intolerante, o cavalo a olhar de soslaio e o cão a arreganhar os dentes e a eriçar o pelo do espinhaço sempre que alguém se aproximava — enquanto Houston mandava quem quer que estivesse no alpendre, como se todos fossem escravos negros, ir lá dentro buscar-lhe o que quer que ali o tivesse trazido.

Até àquela manhã em que ele, Mink, ia a caminho da loja (ele não tinha cavalo que o levasse quando precisava de ir comprar uma caixa de rapé ou um frasco de quinino ou um naco de carne); tinha acabado de sair detrás de um cabeço quando ouviu o cavalo atrás de si, a toda a brida, e de bom grado teria cedido a estrada inteira a Houston se tivesse tido tempo de o fazer, já com o cavalo em cima dele até Houston o fazer guinar intempestivamente, de raspão, com o cão aos saltos e tão colado a ele que quase lhe roçava o peito, a rosar-lhe olhos nos olhos, e Houston a fazer o cavalo rodopiar, a aguentá-lo entre saltos e arranques, a dizer-lhe aos berros: «Por que diabo não se desviou quando me ouviu? Saia da estrada! Ou quer que ele arre-bente consigo antes que eu o possa acalmar outra vez?»

Bem, talvez tudo aquilo fosse, como se dizia, fruto do desgosto pela perda da mulher, que ele não tinha realmente matado, tendo matado até o cavalo que o fizera. Mas mesmo assim com arrogância ou riqueza suficientes para poder comprar outro cavalo exatamente igual ao que a tinha matado. O que a ele, Mink, lhe era indiferente, principalmente porque tudo o que havia a fazer era esperar até que mais cedo ou mais tarde o filho da mãe do cavalo matasse Houston também; até acontecer a seguir aquilo com que ele não contava, que não tinha planeado, nem sequer imaginado.

Tratava-se da sua vaca leiteira, a única que possuía, pois não era rico como Houston mas apenas remediado, sem precisar de pedir favores a ninguém, ganhando o seu sustento. Ela — a vaca — vá-se lá saber como, não tinha emprenhado; e ali estava ele, tendo não só passado todo o inverno sem leite mas tendo de enfrentar mais um ano inteiro sem ele, e também sem o vitelo pelo qual tivera de pagar a quantia de cinquenta cêntimos, em contado, pelo boi de cobrição, pois o único que conseguira arranjar por menos de um dólar era um boi raquítico que pertencia a um negro que lhe exigiu o pagamento antecipado.

Assim, teve de sustentar a vaca durante todo aquele inverno, à espera do vitelo que nem sequer lá estava. Depois teve de percorrer com a vaca os cinco quilómetros de estrada de volta a casa do negro, não para reclamar a devolução dos cinquenta cêntimos, mas para exigir um segundo cruzamento com o boi, o que o negro se recusou a permitir sem o pagamento



adiantado de cinquenta cêntimos, e ele, Mink, ali postado no quintal a insultar o negro até o negro se meter em casa e fechar a porta, deixando Mink no quintal deserto a insultar o negro e toda a família, fechados dentro da casa, até já exausto percorrer de novo com a vaca os cinco quilómetros de volta a casa.

Depois teve de deixar a vaca estéril e sem préstimo andar fora do cercado até acabar com o pasto exíguo, e a seguir teve de a alimentar com as magras reservas durante o resto do verão e do outono, pois segundo um acordo entre vizinhos todo o gado devia ficar fechado até ao fim das colheitas. Ou seja, teve de esperar até novembro para deixar a vaca voltar aos campos no inverno. E mesmo assim teve de ir buscar parte da ração aos porcos, para a habituar a voltar para casa à noite; até ela não aparecer durante três ou quatro dias e ele acabar por ir encontrá-la no pasto de Houston com a manada dele.

De facto, já ele ia pelo caminho que levava a casa de Houston com a arreata enrolada na mão, quando, sem disso se aperceber e sem sequer parar ou abrandar o passo, tinha dado meia-volta, de novo rumo a casa, metendo a arreata à pressa dentro da camisa onde ficaria bem escondida, não para regressar ao casebre arrendado, por pintar e em mau estado onde vivia, mas simplesmente para encontrar um lugar tranquilo onde pudesse pensar, parando a páginas tantas para se sentar num tronco na berma da estrada enquanto tomava consciência, em toda a sua extensão, da situação que acabava de se prefigurar diante dele.

Se não reclamasse por enquanto a vaca sem préstimo, estaria não só a garantir-lhe sustento para o inverno, mas a garantir-lhe um sustento duas vezes — dez vezes — melhor do que ele lhe podia dar. Assim, deixaria não só que fosse Houston a sustentá-la durante o inverno (Houston, um homem não apenas suficientemente abastado para poder criar gado bovino, mas suficientemente abastado para ter um negro que não fazia mais nada senão dar de comer ao gado e tratar dele — um negro a quem Houston dava uma casa para morar melhor do que a que ele, Mink, um branco com mulher e duas filhas, possuía, mas quando ele fosse reclamar a vaca na primavera ela já teria estado outra vez no cio, já teria sido coberta pelo

boi de cobertura da manada de Houston e já estaria de novo prenha de um vitelo que não só a poria a dar leite como valeria ele próprio bom dinheiro como carne de primeira enquanto a cria do boi raquítico do negro não teria valido quase nada.

Naturalmente que teria de estar preparado para as inevitáveis perguntas que se seguiriam; Frenchman's Bend era uma terra demasiado pequena, desgraçadamente pequena para um homem poder ter alguma privacidade de movimentos, e ainda menos em relação ao que possuía ou deixava de possuir. Nem quatro dias se passaram. Foi na loja de Varner, aonde ele se deslocava todos os dias indo até à encruzilhada e voltando depois para casa, para lhes dar a oportunidade de perguntarem o que tinham a perguntar. Até que um dia, finalmente, um deles lhe perguntou, não se lembrava de qual, e também não interessava: «Inda não encontrou a sua vaca?»

«Que vaca?», retorquiu ele. E o outro:

«O Jack Houston diz para ir lá tirar aquele esqueleto ambulante do pasto dele; tá farto de ter de o sustentar.»

«Ah, essa!», exclamou ele. «Essa vaca já não é minha. Vendi-a o ano passado a um dos irmãos Gowrie de Caledonia Chapel.»

«É bom ouvi-o dizer isso», disse o outro. «Porque se eu fosse a si e a minha vaca tivesse no pasto do Jack Houston, pegava já na corda e ia buscá-la sem olhar para trás, e muito menos deixava que o Jack Houston olhasse para trás. Acho que não lhe chamava a atenção nem para lhe dizer “Muito agradecido”.» Porque todos em Frenchman's Bend conheciam Houston: sempre metido em casa sozinho, bisonho e sorumbático, desde que o ganhão lhe matara a mulher havia quatro anos. Como se ninguém antes dele tivesse perdido a mulher, mesmo quando, por alguma razão incompreensível que o marido pudesse ter tido, ele não tinha querido livrar-se dela. Bisonho e sorumbático, sozinho naquele casarão com dois criados pretos, marido e mulher, ela a cozinheira, o ganhão e o sabujo, este último de focinho tão empinado, intolerante e mal-humorado como o próprio Houston — um maldito dum filho da mãe mal-humorado e macambúzio que nem sabia a sorte que tinha: suficientemente rico, não só para se dar ao luxo de ter uma mulher que se queixava e refilava e lhe roubava dos bolsos

cada dólar que ele ganhava, mas suficientemente rico para passar bem sem mulher se assim quisesse: suficientemente rico para poder contratar uma mulher para lhe fazer a comida sem ter de casar com ela. Suficientemente rico para contratar outro preto para se levantar em vez dele nas manhãs gélidas e ir debaixo de chuva e intempéries dar de comer não só ao gado bovino, que ele vendia a preços elevadíssimos porque se podia dar ao luxo de o manter até ao momento ideal, mas também ao maldito do garanhão e até ao danado do sabujo que se punha a correr ao lado do cavalo com que ele cavalgava tonitruante estrada acima estrada abaixo, até um tipo, que nunca tinha tido nada a não ser as duas pernas para se deslocar, ter de saltar do meio da estrada para cima dos arbustos da berma para o filho da mãe do cavalo não o matar também debaixo das ferraduras deixando-o estendido na valeta para o filho da mãe do sabujo o comer antes mesmo de Houston ter dado o alarme.

Bem, se Houston se mostrava demasiado altivo e prepotente para aceitar um agradecimento, não era ele, Mink, que lhe ia aparecer sem ser convidado. Não que ele não devesse um agradecimento a alguma coisa algures. Isto aconteceu uma semana mais tarde, já o Natal havia passado e já o inverno rigoroso e desolado tinha vindo para ficar. E todas as tardes lá ia ele, com o impermeável atamancado com arame de enfardar e remendos de pneus, que era o único agasalho de inverno que ele tinha, por cima do macacão usado e remendado, palmilhando a estrada lamacenta nas tardes lúgubres e desoladas para ir ver a manada de bovinos de raça, com a sua pobre rês lá no meio, a regressar sem pressa ao estábulo e entrar nele, que era mais quente e mais protegido contra as intempéries do que o casebre onde ele vivia, para os animais serem depois alimentados pelo negro contratado que usava roupa mais quente do que a que ele e a família possuíam, a praguejar para a nuvem de vapor da sua própria respiração, a praguejar contra o negro, contra aquela pele preta vestida com roupa mais quente do que a dele, um branco, a praguejar contra a ração de luxo dada ao gado e não a seres humanos, mesmo sabendo que a sua própria rês dela partilhava; a praguejar sobretudo contra o homem branco sem consciência graças a cuja riqueza ou por causa dela tal

situação se verificava, a praguejar contra o facto de a sua própria vingança e represália — aquilo que ele acreditava ser seu direito inalienável e da mais elementar justiça — não ser possível de concretizar de um só golpe mas estar, pelo contrário, dependente da lenta evolução da conversão da ração em peso, somada à incontrolável, e imprevisível até, disposição da vaca para o amor e dos longos nove meses de gestação subsequentes; a praguejar contra a sua própria situação, em que a única justiça a que tinha acesso tivesse de ser esta, tão passiva e demorada.

E assim era. Uma espera prolongada. Não apenas ver a angústia da esperança adiada, tão-pouco ver o ultraje da mais elementar justiça adiado, mas ter a consciência de que, mesmo quando Houston fosse apanhado de surpresa, lhe iria custar a ele, Mink, oito dólares em dinheiro vivo — os oito dólares que ele teria de afirmar que o comprador imaginário da vaca lhe tinha dado pelo animal, para fazer valer a mentira de a ter vendido, os quais, quando viesse reclamar a vaca na primavera, teria de entregar a Houston como prova de que até àquele momento acreditava que tinha vendido o animal — ou tinha pelo menos fixado o seu valor em oito dólares — quando fosse ter com Houston e lhe dissesse que o comprador viera ter com ele, Mink, precisamente naquela manhã, para lhe dizer que a vaca tinha fugido do cercado na mesma noite em que ele a havia comprado e levado para casa, reclamando por isso a devolução dos oito dólares que ele tinha dado por ela, tornando assim a vaca alvo não só do desprezo arrogante de Houston mas também do interesse e curiosidade do resto da população de Frenchman's Bend por lhe ter custado agora a ele, Mink, dezasseis dólares para reclamar a sua posse.

Era este o ultraje: os oito dólares. O facto de ele não ter sido capaz de sustentar a vaca durante o inverno por oito dólares, e muito menos de a fazer ganhar o peso em carne que agora podia ver que ela tinha, isso não contava. O que lhe importava era ter de entregar a Houston, que deles não precisava e tão-pouco daria pela falta da ração que a vaca tinha comido, os oito dólares com que ele, Mink, podia ter comprado um garrafão de uísque para o Natal, mais um ou dois dólares para as bugigangas que a mulher e as duas filhas passavam a vida a pedinchar.